



Amor Líquido: como a superexposição em tempos reais de rede afetam as relações pessoais¹

Leandro FREITAS²

Mariana de OLIVEIRA³

Marina Franco LLANOS⁴

Sillas Carlos dos SANTOS⁵

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Bauru, SP

Resumo

É inegável o impacto da tecnologia na sociedade e, em especial, na vida das pessoas. O artigo tem como objeto as relações pessoais e como mudaram conforme o uso de sites de relacionamentos e a superexposição que estes causam na vida das pessoas. Para tanto, temos como objetivo discutir sobre estes tópicos. Já a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, por meio dos procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave

Facebook; Relações Pessoais; Superexposição; Modernidade.

Introdução

O mundo é estruturado em comunidades que interagem entre si (biologicamente, politicamente e socialmente) e nós podemos notar que todos os animais que vivem nele mantêm uma relação social entre seus indivíduos. Nós, *homo sapiens*, somos os seres que mais criam e mantêm relações sociais: desde a antiguidade até a pós-modernidade estruturamos uma sociedade que ao sofreu alterações ao longo da história resultando no mundo de hoje. As relações sociais e pessoais começaram na idade da pedra, brutas e insensíveis, eram mais por instinto/necessidade do que afetividade propriamente dita, não existia uma necessidade psicológica de intimidade. Era tudo uma questão de sobrevivência.

Com o aperfeiçoamento da linguagem, nota-se, com o passar do tempo, que o relacionamento humano foi se moldando conforme a sociedade se estruturava.

¹ Trabalho apresentado no IJ05 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduando do 1º termo do curso de Rádio e TV da UNESP-Bauru. Contato: lefreitasbtu@hotmail.com

³ Graduanda do 1º termo do curso de Rádio e TV da UNESP-Bauru. Contato: marioliveira@hotmail.com

⁴ Graduanda do 1º termo do curso de Rádio e TV da UNESP-Bauru. Contato: franco.marina1@gmail.com

⁵ Graduando do 1º termo do curso de Rádio e TV da UNESP-Bauru. Contato: sillascarlos@hotmail.com



Na Grécia Antiga, percebe-se que os indivíduos estavam em volta de relações afetivas baseadas em “ligações espirituais” de mútua admiração entre os sujeitos, sinalizadas pela seguinte citação do filósofo estudioso do período, Werner Jaeger (JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. 1994. p 733):

O amor por outro ser humano é aqui focalizado à luz do processo de aperfeiçoamento do próprio eu. Essa perfeição só é atingível na relação com um tu, pela qual as forças do indivíduo precisado de complemento se incorporam no todo primitivo e assim possam atuar na sua verdadeira eficácia.

Durante a Idade Média, as relações interpessoais eram pautadas por interesses econômicos e sociais, circulando em volta de títulos e nascimento. As relações afetivas, em especial, sofreram várias interdições, devido à ampla influência exercida pela Igreja Católica no período, que seguindo sua conduta moral imposta reprimia qualquer forma de prazer. Após o Renascimento, o amor passou a ser pré-condição para o casamento e mais tarde com a adequação da sociedade à lógica capitalista, o amor romântico, como conhecemos hoje, surgiu e encontrou-se em um contexto social de valorização do individualismo, o qual se prezava a felicidade individual, abrindo caminho para que o sujeito tivesse mais liberdade de escolha em suas relações interpessoais.

Na contemporaneidade, âmbito de diversas revoluções, títulos e nascimento dão lugar a uma sociedade de classes, onde a hierarquia se determina pelo lugar ocupado no processo de produção, além do grau cultural, o comportamento moral e religioso, a ideologia política ou o modo de vida.

Durante a Idade Média, as relações interpessoais eram pautadas por interesses econômicos e sociais, circulando em volta de títulos e nascimento. As relações afetivas, em especial, sofreram várias interdições, devido à ampla influência exercida pela Igreja Católica no período, que seguindo sua conduta moral imposta reprimia qualquer forma de prazer. Após o Renascimento, o amor passou a ser pré-condição para o casamento e mais tarde com a adequação da sociedade à lógica capitalista, o amor romântico, como conhecemos hoje, surgiu e encontrou-se em um contexto social de valorização do individualismo, o qual se prezava a felicidade individual, abrindo caminho para que o sujeito tivesse mais liberdade de escolha em suas relações interpessoais.

Na contemporaneidade, âmbito de diversas revoluções, títulos e nascimento dão lugar a uma sociedade de classes, onde a hierarquia se determina pelo lugar ocupado no



processo de produção, além do grau cultural, o comportamento moral e religioso, a ideologia política ou o modo de vida.

A chegada do século XX trouxe mudanças drásticas com a consolidação do capitalismo que influenciou a sociedade a consumir despertando o individualismo, as relações se tornaram mais liberais, mais práticas, sendo moldadas pela ideologia revolucionária que viria a surgir ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980, provocando uma quebra de conceitos, valores e moral. “A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais”. (HOBBSAWM, 2001, p.328).

Com a popularização do “*spotted*”, página criada por universitários para a interação anônima entre os mesmos, notou-se uma banalização das relações. Tal fato motivou este artigo para aprofundar o estudo da comunicação da mídia e posteriormente a uma análise teórica e uma pesquisa para constatar a veracidade da superficialidade das relações em tempos de rede. A metodologia usada foi a pesquisa exploratória, com os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental na intenção de buscar subsídios necessários para o embasamento teórico das questões aqui propostas. Abaixo trazemos o histórico sobre os meios de comunicação, a criação de redes sociais, as consequências do uso destes, os gráficos e os resultados de uma pesquisa feita pelos autores deste artigo.

As relações sociais e os meios de comunicação

O mundo tem se tornado mais liberal. A tecnologia que vem sendo impulsionada a ser descoberta desde a Primeira Guerra até o final da Guerra Fria somada ao modelo econômico capitalista culminado na globalização do mundo alterou as relações sociais de tal modo que podemos estabelecer amizades e contatos a longa distância e em um tempo muito mais rápido do que por exemplo, em uma sociedade colonial em que para que houvesse alguma relação o indivíduo deveria se deslocar quilômetros de distância para uma conversa casual, devido a criação das redes sociais. Essas redes sociais fazem parte dos meios de comunicação que sofreram um processo de criação desde os inícios dos tempos. Começando por uma breve retrospectiva histórica, os meios de comunicação surgiram junto com a criação da linguagem já que havia a necessidade de se expressar e entrar em contato com os outros indivíduos, sendo moldados pelo modo



como a sociedade era composta: na Grécia Antiga, o uso da oralidade era mais frequente do que a escrita em si, pois o ato de escrever era o privilégio de classes mais abastadas.

[...] seja qual for o ponto inicial, as pessoas que trabalham com comunicação e estudos culturais – em número ainda crescente- devem levar em consideração a história; e que os historiadores- de qualquer período ou tendência- cumpre levar em conta seriamente a teoria e a tecnologia da comunicação. (BURKE; BRIGGS, 2006, p.12).

Futuramente, a escrita foi se aperfeiçoando. Na Idade Média quem detinha de tal poder eram os escrivães da Igreja. No mesmo período, Gutenberg e a criação da imprensa, revolucionou o modo de se fazer leitura, mais tarde surge a impressão (litografia, xilografia)- que teoricamente permitiria à educação e à leitura serem mais acessíveis às classes mais baixas, porém, não surtiu o efeito desejado .

Samuek Hartlib- um exilado do Leste europeu na Grã-Bretanha que apoiou diversas iniciativas de reformas sociais e culturais- escreveu em 1641 que ‘a arte da impressão disseminará tanto conhecimento que as pessoas comuns, sabedoras de seus direitos e liberdades, não serão governadas de forma opressora. (BURKE; BRIGGS, 2006, p.26).

A Revolução Industrial, com a invenção da máquina a vapor, foi um marco para todo o mundo, inclusive, determinou a rapidez dos meios de comunicação que sofriam com a distância⁶, e criou o jornal, que noticiava os acontecimentos do cotidiano, e detinham poder sobre a opinião pública. Veio em seguida, o telégrafo, o telefone, o rádio, e a televisão. O telefone mudou a vida social, revolucionou a troca de informações, pois permitia o envio de voz à longa distância. Atribuído a Nicolau Tesla, o rádio, possibilitou uma ampliação no alcance da comunicação, através da transmissão de suas ondas eletromagnéticas a nível mundial. A televisão trouxe para dentro de casa, ideais, conceitos, hábitos que alteraram a sociedade. Somado a isto, a televisão também revolucionou a exibição da imagem, aumentando o trafego destas. Também revolucionou os equipamentos de filmagens, como câmeras, além de contribuir com a criação de estúdios juntamente com o cinema, que também influenciou a demonstração de movimento, imagem e fotografia. Esses meios de comunicação começaram então a explorar a exposição, que mais tarde, viria a culminar com a invenção da internet e seu uso.

⁶ Como a Espanha do século XVI, o uso da estrada para se mandar uma carta que continha uma ordem.



Os rádios transistores transformaram a vida em praias e desertos, onde não havia viva-voz. Os aparelhos eram móveis, característica-chave na história da mídia (veja o telefone celular) portátil e barata. Os transistores têm uma história ainda mais importante que essa: foram essenciais para o posterior desenvolvimento dos computadores. (BURKE, BRIGGS, 2006, p. 227)

A internet começou com o intuito de auxiliar na guerra, no comércio e na educação, porém seu uso se estendeu para navegadores alheios que não era usado para tais objetivos devido a uma rede que era aberta. Seu uso quebrou barreiras físicas e psicológicas e foi a maior contribuição para a mídia, trouxe fatos e informações com uma rapidez absurda de tempo, que interrompe a noção de espaço.

O poder das redes sociais

Rede Social é uma estrutura composta por grupos de pessoas/empresas conectados através da internet por interesses em comum.

São tantas as redes sociais que nascem e morrem, mas nenhuma durou tanto quanto o site de relacionamento *Facebook*, que lhe permite postar fotos, o que está fazendo, seus gostos musicais, suas atividades, seus sonhos, ou seja, ocorre uma superexposição em um tempo real que afeta todos os relacionamentos pessoais da sociedade. O *facebook* foi criado em 2003, por Mark Zuckerberg com o propósito de avaliar a beleza das alunas da Universidade de Harvard após o término de seu namoro. Em seguida, ele planeja criar uma rede social exclusiva apenas para alunos da Universidade, em que eles poderiam compartilhar suas informações pessoais em segurança. Em 2005, o *facebook* começa a ser acessado e atinge escolas pós-secundários e universidades de menor porte nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Em 2006, o site foi aberto para cadastro de todo o público.

O *facebook*, assim como as redes sociais em geral, facilita a interação entre as pessoas permitindo que o indivíduo crie uma relação de ‘amizade’ rapidamente, e tão logo criada, desfaz-la, sem os constrangimentos de um rompimento com alguém fora dos “âmbitos da rede”.

Estas amizades se estabelecem por mensagens particulares em bate-papo, por publicações no perfil da pessoa, por ‘curtir’ as fotos que os outros publicam. Essas relações se denotam pela superficialidade: são efêmeras. Minimizando a convivência do dia-a-dia, ou seja, o jovem não necessita lidar com as manias, com a visão de mundo, com a experiência de vida e com as diferenças: não se conecta com a subjetividade do



outro. Se relacionar com alguém se torna fácil. Sem o convívio presencial cotidiano, confiar torna-se mais difícil devido a internet possibilitar a transformação de um indivíduo em um ser versátil, podendo mascarar sua personalidade passando por algo que não é.

Os contatos online têm uma vantagem sobre os offline: são mais fáceis e menos arriscados — o que muita gente acha atraente. Eles tornam mais fácil se conectar e se desconectar. Casos as coisas fiquem “quentes” demais para o conforto, você pode simplesmente desligar, sem necessidade de explicações complexas, sem inventar desculpas, sem censuras ou culpa. Atrás do seu laptop ou iPhone, com fones no ouvido, você pode se cortar fora dos desconfortos do mundo offline. Mas não há almoços grátis, como diz um provérbio inglês: se você ganha algo, perde alguma coisa. Entre as coisas perdidas estão as habilidades necessárias para estabelecer relações de confiança, as para o que der vier, na saúde ou na tristeza, com outras pessoas. Relações cujos encantos você nunca conhecerá a menos que pratique. O problema é que, quanto mais você busca fugir dos inconvenientes da vida offline, maior será a tendência a se desconectar. (PRADO, Adriana. "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar". Istoé, 2012).

No dia 23 de maio de 2012, o americano Isaac mobilizou mais de 60 pessoas para pedir sua namorada em casamento. Com a desculpa de leva-la para jantar fora, Issac pediu para seu irmão deixa-la sentada no porta-malas aberto na parte de trás do carro e colocar um fone de ouvido na mulher. Ao som de “*Marry you*” do cantor Bruno Mars, o carro foi andando lentamente pelas ruas da cidade enquanto familiares e amigos do casal apareciam, dançavam e cantavam para Amy. A *performance* terminou com o pedido de casamento de Isaac para Amy. Toda a ação foi gravada ao vivo e posteriormente, postada no *youtube*. Isaac quis fazer o que chamou de primeiro pedido de casamento *lip-dub* ao vivo do mundo. *Lip-dub* é uma expressão americana para nomear o vídeo que combina sincronização labial e dublagem. Postado no dia 25 de maio de 2012, o vídeo recebeu mais de 2,5 milhões de visualizações em cerca de duas semanas e revelou uma nova influência das mídias sociais no relacionamento humano. A facilidade de propagação de informações oferecida pelas atuais mídias, principalmente pela internet, incentiva cada vez mais a exteriorização das práticas pessoais e ultrapassagem da tênue linha existente entre o público e o privado.

Estar conectado à rede é uma eficaz forma de divulgar ideias, opiniões e outros conteúdos. Diariamente, milhares de informações são compartilhadas entre os internautas do mundo todo. Este material compartilhado, no entanto não é rigidamente controlado e isto aumenta a possibilidade de postagens contendo conteúdos irrelevantes.



Se outrora era necessário o intermédio de profissionais e recursos para se propagar conteúdos para uma quantidade significativa de pessoas em pouco tempo, hoje, com a configuração web 2.0⁷, a internet permite que os internautas não se limitem a ler, mas também possam facilmente produzir conteúdos para a rede.

Esta facilidade, no entanto, tem como consequência a exteriorização exacerbada da vida do indivíduo que, além de publicar suas opiniões e trabalhos, realiza postagens com conteúdos de sua vida pessoal. Cristiane Koehler e Marie Jane Soares Carvalho (2012, p. 7) abordam a preocupação de pais e professores com esta superexposição dos jovens:

O lado negativo de todas estas mudanças é a exposição da vida privada da geração digital, nas redes sociais, por meio de fotos, comentários, vídeos, entre outros, completamente sem critérios. Nesse sentido, a preocupação de pais e professores está relacionada ao “o que” os estudantes compartilham nas redes sociais, que muitas vezes são informações do âmbito privado que estão sendo disponibilizadas na esfera pública, sem critério algum.

Esta falta de critério na seleção do que será publicado comumente acarreta situações constrangedoras ou perigosas. No entanto, mesmo com o receio existente quanto a estas situações, ainda percebe-se uma dificuldade de distinção entre o que é público e o que é privado na vida virtual. Esta dificuldade se agrava com ações de internautas que realizam atos privados com uma produção significativa, a fim de torna-los públicos posteriormente. Este é o caso de Isaac que tornou uma situação de sua vida pessoal – o pedido de casamento para Amy – uma produção capaz de chamar muita atenção nas redes sociais e inspirar outros usuários a também tornarem públicos seus momentos pessoais.

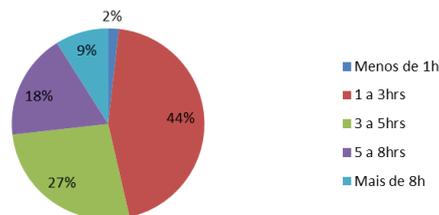
O facebook como qualquer site de relacionamento, pode desencadear um vício ao usuário, pois o mantém conectado em grande parte do tempo e muitas vezes gera o denominado “*Fear of missing out*”, que seria o medo de perder algo importante, intensificado pelo imediatismo causado pelo frenético ritmo de notificações na rede social, proporcionando um clima de ansiedade e inquietação no internauta. Quando alguém publica uma foto, um comentário ou atualiza algo em seu perfil e recebe um ‘curtida’ – existe um dispositivo no facebook que possibilita essa ação- isto serve como um estímulo para a pessoa a publicar mais, a ser mais ativa no site e assim a pessoa se vicia na rede social. Este vício funciona também como uma escapatória para a vida da pessoa que pode não receber tanta atenção na vida real e passa a ‘existir’ na rede.

⁷ Entende-se por web 2.0 uma internet mais dinâmica em que a pessoa pode editar conteúdo, oferecer serviço online que estão interligando sites de relacionamentos com ferramentas de busca.

Para dar consistência no que abordamos até agora e para podermos discutir elaboramos uma pesquisa sobre o facebook. Responderam um total de 55 jovens do sexo feminino (28 entrevistadas) e masculino (27 entrevistados), na faixa etária dos 17 anos aos 24 anos. Analisaremos agora os resultados.

Gráfico 1 – Tempo que os entrevistados passa na Internet

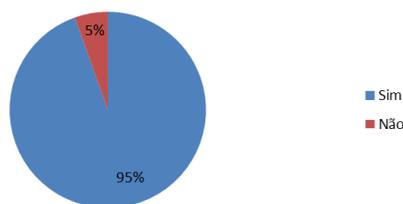
Tempo que os entrevistados passam na internet



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 2 – Número de entrevistados com ensino superior

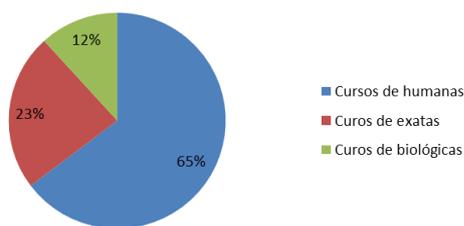
Entrevistados que cursam uma graduação



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 3 – Classificação da graduação dos entrevistados

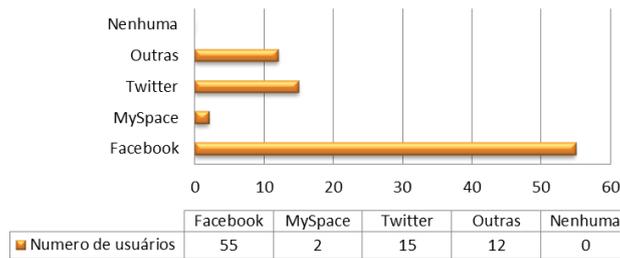
Graduação dos entrevistados



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

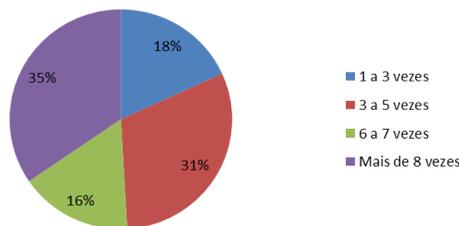
Gráfico 4 – Tipos de redes sociais das quais os entrevistados fazem parte

Redes sociais



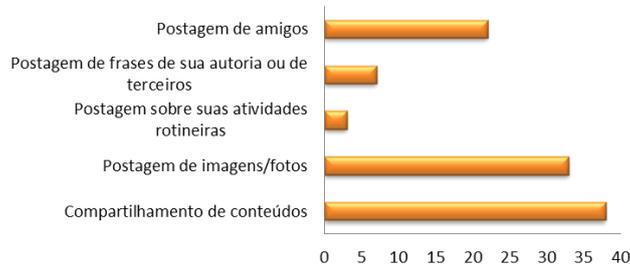
Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 5 – Quantidade de acessos diários no Facebook
Visualizações diárias do Facebook



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

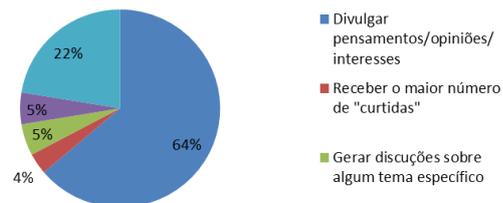
Gráfico 6 – Tipos de postagens na "linha do tempo"
Tipos de postagens decorrentes nas "Linhas do Tempo"



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 7 – Tipos de postagens feitas pelos entrevistados na "linha do tempo"

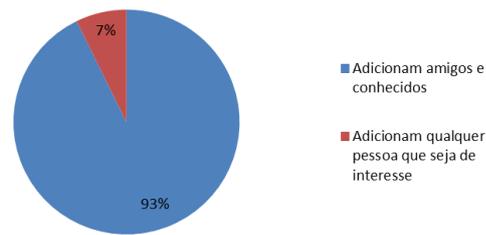
Tipos de postagens feitas pelos entrevistados



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 8 – Seleção de amigos no Facebook

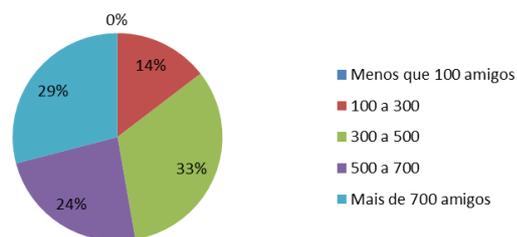
Seleção das amizades no Facebook



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 9 – Número estimado de amigos dos entrevistados no Facebook

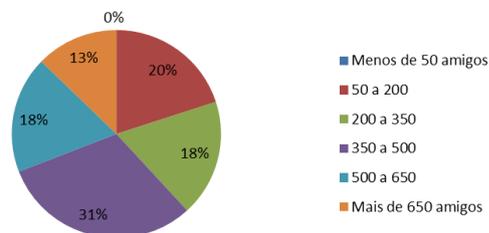
Número estimado de amigos no Facebook



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 10 – Número de amigos que os entrevistados conhecem na vida real

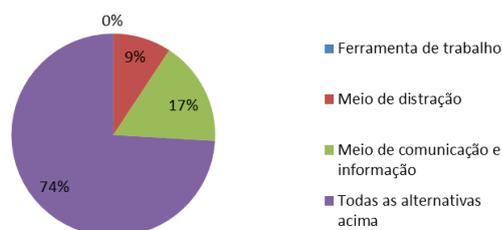
Número de amigos que conhece pessoalmente



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 11 – Importancia/ utilidade do Facebook para os entrevistados

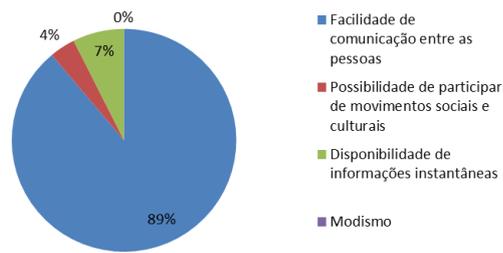
Importancia do Facebook para os entrevistados



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 12 – Motivação para o uso do Facebook

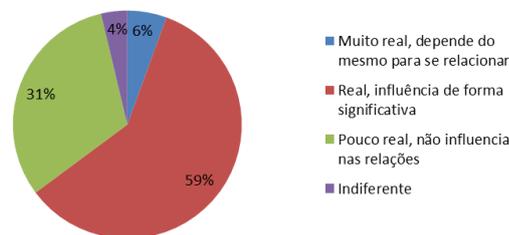
Motivação para o uso do Facebook



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

Gráfico 13 – Ideal de realidade de Facebook na vida dos entrevistados

Ideal de realidade no Facebook



Fonte: Pesquisa produzida pelos autores

A seguir, as análises das respostas abertas do questionário.

Durante a pesquisa foram feitas algumas questões abertas. A primeira delas foi “Qual a sua visão sobre a exposição constante que o uso exagerado do Facebook provoca em alguns indivíduos?”. Nessa resposta das mulheres grande parte delas acha que esta superexposição pode se tornar algo perigoso, uma vez que não tem limites e pode acabar isolando o indivíduo do mundo e assim fazer com que ele perca a noção do real. A mesma exposição “demonstra o quão vazio a vida das pessoas acaba se tornando” e mostra como “as pessoas deixaram de pensar e ter suas próprias idéias para apenas ‘compartilhar’ de algo em comum” segundo algumas de nossas entrevistadas.

No caso masculino, estes apresentaram o mesmo posicionamento para esta questão. Para tais, esta exposição pode ser vista como algo desnecessário, manipulador e alienante que vicia os usuários. Contudo há aqueles também que apresentaram o argumento de que é “tentador compartilhar as coisas que acontecem contigo para ver as outras pessoas curtindo”, mas que mesmo assim, o Facebook pode “criar uma imagem virtual que muitas vezes não condiz com a realidade” e assim pode se tornar algo prejudicial e que distância as relações presenciais.



A segunda pergunta feita foi “em sua opinião, você diria que o Facebook é capaz de encurtar a distancia entre as pessoas, mas ao mesmo tempo tornar as relações humanas superficiais? Como você se reporta sobre isso?”

Nesta resposta pode-se perceber uma padronização no posicionamento feminino, uma vez que grande parte das entrevistas acredita que há sim um encurtamento das distancias entre os indivíduos, mas que ao mesmo tempo isso pode transformar muitas relações em superficiais, desinteressantes, e até mesmo podem fazer com que os indivíduos se afastem de seus amigos pessoais. Contudo ainda houve aquelas que se declararam com um posicionamento diferente, no qual se tem a seguinte afirmativa: “as relações no Facebook são reflexos das relações que temos na vida fora da internet. Não há diferença entre vida real e virtual, uma é apenas uma vertente da outra” que pode possibilitar a criação de amizades muito duradouras. Assim como o grupo de mulheres entrevistadas, grande parte dos homens também concorda com o fato de que o Facebook aproxima as pessoas, principalmente quando estas estão distantes umas das outras. Também abordaram o ponto de que há essa transição para uma relação mais superficial, pois não há o contato físico. Assim “esfria” o contato entre as pessoas. Porém “a linguagem das mensagens virtuais é diferente das reais, uma vez que a nossa forma de expressão é reduzida e codificada em outros códigos. Por exemplo, um ‘curtir’ que a gente dá em uma publicação, pode significar uma coisa para uma pessoa e o reverso para a outra”, (André dos Santos, 19 anos. Comunicação Social-Radialismo), o que demonstra como essa relação superficial pode se formar.

A terceira pergunta feita foi “estando em um relacionamento sério, você se chateia se a pessoa não muda o status de relacionamento? Se sim, por quê?”

Para esta questão, foi nítida a diferença entre as entrevistadas. Certa parte – mais da metade - declarou que não se chatearia se o parceiro (a) não atualizasse o status do Facebook, pois não veem importância nesse ato (algumas consideram até superexposição) ou até mesmo porque que deve haver um acordo entre o casal, já que é apenas a eles que compete tal decisão e porque não é isso que define um relacionamento e “sim o dia a dia” entre o casal. Já a outra parte – minoria, mas não menos importante - apresentou opinião contrária, em que dizem que não gostariam de tal atitude, pois acha comum e necessária tal exposição, para que as pessoas saibam do envolvimento de ambas as partes e para que assim não haja “cantadas” ou “investidas” de outras pessoas com os comprometidos. Novamente, assim como o grupo feminino, o grupo de pesquisa masculino teve um grande contingente de respostas negativas, isto é, respostas de que



não se importam com a não mudança do status de solteiro, para namorando, contudo não justificaram tal decisão. Entretanto há aqueles que responderam que “sim”, se chateariam, explicaram que isto tem de serem de acordo com ambas as partes envolvidas, e que a atualização do status demonstra o quão séria é a relação e que também é uma forma de demonstrar que se encontram felizes juntos.

A quarta pergunta feita foi “você costuma usar o Facebook para expor o seu afeto pela pessoa amada, ou prefere se declarar pessoalmente?” Na qual novamente se percebe a concordância entre as entrevistadas sobre o mesmo tema. Todas as mulheres responderam que preferem declarações feitas pessoalmente, pois consideram o contato muito mais relevante do que a demonstração virtual. Mas há aquelas que disseram que também costuma expor seus sentimentos ao parceiro (a) na rede social, uma vez que não é em todo momento em que podem estar presente na vida daqueles que amam.

Para o grupo entrevistado a declaração feita pessoalmente, também, é a forma principal de demonstração de afeto pela pessoa amada, pois acha a exposição de seus sentimentos em rede algo perigoso e em certos casos até duvidosos se forem feitas constantemente ou de forma exagerada.

A quinta, e última pergunta, feita foi “como o Facebook atinge seu namoro ou seus sentimentos?”. Em que as entrevistas, em sua maioria, foram bem sucintas e responderam que não atinge de modo significativo em sua vida a influencia do Facebook, e que apesar de “certos comentários influenciem” seus pensamentos é o contato real que mais conta. Porém as que responderam que o Facebook influencia, abordaram os mais diversos temas a respeito, tais quais os ciúmes gerados, paranoias, preocupações com comentários e postagens para justificar seu ponto de vista. Mesmo assim ainda houve aquelas que foram além: “Existem casais que possuem uma necessidade, ou mesmo obsessão doentia em expor seu relacionamento perante a web, se esquecendo do quão constrangedor isso pode se tornar, visto que a internet é uma rede aberta. Rede social não é um lugar para desnudar a alma. Às vezes eu posto minhas idéias, mas guardo meu coração para aqueles que estão pertos o suficiente para olhar em meus olhos.” (Daniele Lunchetta, 19 anos. Engenharia Mecânica). Nota-se que os entrevistados também se portaram das mais diferentes formas sobre o tema. Apresentaram basicamente os mesmos tipos de citações das mulheres. Alguns declararam que é irrelevante o Facebook em sua vida particular, enquanto outros expuseram suas personalidades, como por exemplo, os ciúmes.



Considerações finais

Ao observar os resultados dos gráficos, as análises do questionário e as considerações feitas ao longo do artigo percebe-se que o *facebook* tornou-se uma ferramenta essencial para a vida dos jovens, servindo-lhe muitas vezes como um dos principais meios de comunicação. No entanto, percebe-se também que há desvantagens no uso da rede. A comunicação de antigamente era precária se comparada com a atual, e o *facebook*, junto com outras mídias colaboraram bastante para que houvesse um encurtamento de distância, um dos principais fatores que prejudicavam as comunicações. Paralelamente, notamos que estes sites de relacionamento e a agitada sociedade de consumo contribuíram com o enfraquecimento dos laços entre as pessoas por tendenciarem às relações a serem superficiais juntamente com a possibilidade já citada ao longo do artigo da pessoa, enquanto conectada na rede, não condizer com o que ela realmente é. As respostas dos entrevistados ao questionário ratificaram as pesquisas feitas para a composição do artigo. Pode-se perceber isso, por exemplo, no fato de a maior parte dos entrevistados estarem cientes de que a exteriorização exacerbada é prejudicial ao internauta. Inclusive, observamos que na realidade, os entrevistados não se importam com a mudança de status de relacionamento do facebook, pois não acreditam que necessitam expor tais sentimentos para as pessoas.

Com a decorrência da sociedade pós-moderna, verifica-se uma tendência de afrouxamento dos laços afetivos entre as pessoas (BAUMAN, 2004) decorrente da facilidade de “conectar-se e desconectar-se”. Esta teoria também pode ser verificada através das respostas obtidas pelo questionário, em que grande parte dos entrevistados alega acreditar que o facebook enfraquece as relações entre as pessoas por dispensar o contato físico.

Por fim, constata-se uma influência das redes sociais sobre as relações interpessoais decorrente da transformação na forma de comunicar-se oferecida por elas para a sociedade pós-moderna.

Referências:

- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: A formação do homem grego. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1413 p.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à internet. 2ª. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. 375 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 190 p.



KOEHLERMARIE, Cristiane; CARVALHO, Jane Soares. O público e o privado nas redes sociais: reflexões segundo Zygmunt Baumun. **Hipertextus revista digital**, nº9, Dez. 2012 Disponível em <http://www.hipertextus.net/volume9/02-Hipertextus-Vol9-Cristiane-Koehler_& Marie-Jane-Soares-Carvalho.pdf> Acesso em 15/05/2013

PRADO, Adriana. **Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.** ISTOÉ Online, 24.Set. 2010. Disponível em: <[www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755 VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR)>. Acesso em 11 de maio de 2013